

Rosana Linhares,
secretária de
Saúde de Itabira

Entrevista
“Vivemos o mal
do século”

03

A pandemia do coronavírus nas cidades mineradoras

Municípios já marcados por forte incidência de problemas respiratórios, atrelados à atividade da mineração, têm agora uma nova preocupação: a chegada da Covid-19

Foto: Arthur Kelles – Arquivo pessoal



Dizer da morte é dizer da vida: uma mensagem aos profissionais dos hospitais

Arthur Kelles Andrade é psicólogo, mestrando em Estudos Psicanalíticos

A morte nunca foi um assunto muito discutido. Não é algo que costumávamos conversar nos almoços de domingo, por exemplo. Contudo, com a chegada da Covid-19, as circunstâncias mudaram. De uma hora para outra, todos tivemos que nos defrontar com a possibilidade concreta de nossa finitude e a de nossos entes queridos. Como criar uma resposta tão rápida para algo tão avassalador?

Nos hospitais, a tensão se sente de maneira ainda mais forte. Além das doenças que já os sobrecarregam, agora as equipes de saúde devem lidar também com os casos de Covid-19, que exigem medidas específicas. Muitas mortes podem ocorrer, inclusive a dos próprios

profissionais de saúde, e sem um tempo necessário para que eles elaborassem tudo que ali possa suceder. Além das equipes de saúde, não podemos nos esquecer de outros profissionais que também estão nos hospitais: equipes de limpeza, cozinheiros, copeiros, porteiros, recepcionistas... tantos outros que também devem ser valorizados nesses tempos difíceis.

Se você está na linha de frente, sabe que seu trabalho é essencial. Mas é importante lembrar que inúmeros imprevistos acontecerão. Devemos evitá-los ao máximo, é claro, mas não com a mentalidade que poderemos combatê-los em sua totalidade. Pode ser que você esteja paralisado, tenso, sem saber o que fazer. E ficar assim é normal, pois estamos passando por uma situação única e bastante complicada.

E mesmo os casos “perdidos” não estão tão perdidos assim. Falamos muito da doença, da morte que pode advir dela... mas esquecemos que dizer da morte é dizer da vida. Se eventualmente não houver a perspectiva de cura de um paciente, sempre haverá o cuidado. Caso, infelizmente, o paciente já estiver em seus momentos finais, ainda há muito o que fazer para oferecer-lhe o máximo de conforto que seja viável.

É um momento para repensar a forma com que cuidamos de nós mesmos, de quem está próximo de nós e de nossa sociedade. Quando lidamos com a morte, não há fórmulas prontas. Cabe a cada um encontrar uma forma própria de passar por essa situação da maneira mais genuína possível.

Foto: Thamires Lopes/DeFato



Coronavírus: uma mensagem a todos

Marcello Fontana Monteiro é médico infectologista do Hospital Nossa Senhora das Dores, em Itabira

Em março deste ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia por causa da Covid-19, doença respiratória causada pelo coronavírus (SARS-Cov2), identificado pela primeira vez em Wuhan, na China, em 2019. No mesmo mês, o Ministério da Saúde brasileiro declarou estado de transmissão comunitária do vírus em todo país. A Covid-19, assim, tomou lugar em nossas manchetes e se espalhou pelo mundo.

Os coronavírus são conhecidos desde a década de 1960 e causam infecções respiratórias em humanos e animais. Geralmente, são infecções leves e, raramente, levam a óbitos. O novo coronavírus constitui nova cepa desta família de vírus e, infelizmente, os seres humanos ainda não apresentam imunidade prévia a ele. Esse fato, aliado à enorme capacidade de transmissão e à maior letalidade, explica toda emergência internacional em torno da doença. Um grande desafio para esta geração!

Ao longo do último século, passamos pela “gripe espanhola”, “gripe de Hong Kong”, “gripe asiática”,

“gripe do frango”, “gripe suína”. E sobrevivemos a elas! Agora, a Covid-19 traz crescimento acelerado de casos no mundo, além de mortes, principalmente de maiores de 60 anos e portadores de doenças crônicas e imunossuprimidos. Os impactos econômicos e sociais são crescentes.

Há de se ter atenção com as já propagadas medidas de isolamento social. Estas medidas, aliadas à higienização de mãos, uso comunitário de máscaras, detecção precoce de casos via testagem, oferta de EPIs aos profissionais de saúde e de ventiladores mecânicos aos hospitais, permitirão aos Estados e municípios vencerem a batalha contra o vírus.

Fique em casa! Respeite o isolamento social proposto aos grupos prioritários, siga o trabalho das equipes de saúde e as proposições dos gestores e governos. Essa é a melhor forma para combater o vírus, uma vez que ainda não há medicação ou tratamento cientificamente comprovado e de eficácia incontestável. Procure atendimento hospitalar apenas em caso de piora importante de sintomas e mal estar. Estaremos lá

para servi-los. As unidades básicas de saúde aí estão para os casos classificados como leves e para orientações.

A medida é dolorosa, afasta nosso convívio e já debilita a saúde financeira de empresas e municípios. Entendemos o desespero crescente de empregadores e do meio político, mas a vida das pessoas é o maior e mais precioso bem que detemos. Se sobrepõe a qualquer outra perda.

Não falta disposição dos profissionais da saúde e de gestores para debelar este mal. Precisamos do apoio de todos e do respeito às medidas de contenção. Atenção às “fake news”, às terapias sem qualquer evidência ou comprovação, aos charlatões de plantão e oportunistas.

Tenha atenção especial à lavagem de mãos: medida simples e consagrada há mais de 160 anos como peça chave no combate a infecções e pandemias. Lembre-se: o álcool gel é apenas um substituto à lavagem correta das mãos. Não tema! Faça sua parte, que faremos a nossa. Chegaremos ao final desta batalha mais fortes. Venceremos!

EDITORIAL

O jornal mais difícil

Era fim de 2019 e os primeiros casos de um novo tipo de coronavírus começavam a ser noticiados pela imprensa internacional. Apareceram aos poucos, com uma contagem tímida. Depois, ganharam nova dimensão. Primeiro nas gigantescas e populosas cidades chinesas, em seguida em outros países do mundo. Aquela realidade, que a princípio parecia tão distante, ganhou status de pandemia e alterou a rotina de parcela considerável do planeta.

E mudou a nossa rotina. Desde meados de março, quando a circulação comunitária do coronavírus foi decretada no Brasil, a redação do Grupo DeFato está em home office. Cada jornalista trabalha de sua casa e tem se desdobrado para cobrir todas as informações que chegam sobre a Covid-19 e outros temas de interesse das comunidades em que atuamos. Ou tentando se aproximar da melhor cobertura possível. Porque, sim, é impossível relatar tudo o que está acontecendo. Uma avalanche de coisas ao mesmo tempo.

A dificuldade de elaborar esta edição tem este primeiro fator. Com a equipe distante, tudo fica mais complicado. Mesmo com a tecnologia e as formas de contato rápido, não há nada que supere a troca de ideias pessoalmente. Também pesa a maior dificuldade para encontrar fontes, obter respostas em tempo hábil.

O outro fator é o mais inquietante. Ao propor abordar a correlação entre a mineração, os problemas respiratórios existentes nos municípios e a chegada do coronavírus, os jornalistas de DeFato se depararam com uma preocupante falta de informação nas prefeituras a respeito da incidência de doenças respiratórias e da medição da qualidade do ar. Em Barão de Cocais, por exemplo, houve a admissão de que não há qualquer parâmetro oficial por parte do município quanto à poluição. Isso em um município atingido tanto pela siderurgia quanto pela mineração.

Em outras cidades, como Itabira, São Gonçalo do Rio Abaixo, João Monlevade e Conceição do Mato Dentro, o controle da poluição lançada na atmosfera fica por conta das próprias empresas responsáveis por tal ato. Os dados existem, mas são gerenciados justamente por quem teoricamente deveria estar na posição de fiscalizado.

Em São Gonçalo, a Prefeitura anunciou que prepara um grande estudo para comprovar o crescimento de casos de doenças respiratórias com a chegada da mineração na cidade. Decisão importante e que poderá, inclusive, dar subsídios ao município em futuro debate com a Vale sobre ações mitigatórias. E ainda mais importante para nortear os governantes locais em estratégias que garantam melhor qualidade de vida à população.

A chegada da Covid-19 acende alerta nas autoridades em saúde das cidades mineradoras. Como o coronavírus reage em ambientes onde já há grande incidência de problemas crônicos relacionados a sistemas respiratórios? De que forma a curva de casos pode ser mais ou menos impactante e letal em ambientes com ar tão carregado? Como se prevenir? Quais estratégias adotar? Perguntas que só serão respondidas quando os dados estiverem mais claros.

A luta contra a Covid-19 depende de esforços da população e de quem toma as decisões no âmbito político. A concentração de boas medidas, estudos balizados e estratégias assertivas é o que levará ao sucesso nessa batalha contra o inimigo invisível. E que, quando tudo isso acabar, todas as cidades, seja ela mineradora ou não, possam ter histórias mais felizes do que tristes para serem contadas.

EXPEDIENTE

DeFato

Diretor Geral
Thiago Jacques
thiago@defatoonline.com.br

Gerente Comercial
Marcelo Eleto
marcelo@defatoonline.com.br

Redação
Rodrigo Andrade
Anna Gonçalves
Carol Vieira
Thamires Lopes
Cíntia Araújo
Thales Benício

Estagiários de Jornalismo (BH)
Leandro Colombo
Paulo Henrique Dias

Foto Capa
Imprensa MG

Gerente de Produção
Marina Colombo
opecc@defatoonline.com.br

Diagramação
Ponte Propaganda
atendimento@pontepropaganda.com.br

Gerente de Marketing
Bruno Rodrigues
bruno@defatoonline.com.br

Assistente Financeiro
Karine Mota
financeiro@defatoonline.com.br

“O coronavírus é o mal do século”

Entrevista Secretária de Saúde de Itabira, Rosana Linhares, avalia com preocupação a evolução da doença e comenta sobre a rotina estressante dos profissionais da área e sobre as medidas de restrição impostas à população

Foto: Thamires Lopes/DeFato

A pandemia provocada pelo coronavírus (Covid-19) mudou a vida da população mundial. O direito de ir e vir foi cerceado em prol do bem comum e ficar em casa, respeitando o isolamento social, é uma medida que pode salvar vidas. O vírus é invisível, mas o estrago que causa é avassalador. Desde o início do surto, houve uma subida vertiginosa no número de casos diagnosticados e mortes.

O cenário futuro ainda é incerto e as projeções trazem apenas números frios, distantes, como apontam os próprios especialistas. Tudo é muito novo, e esse novo assusta. Em entrevista ao Jornal DeFato, a secretária de Saúde de Itabira, Rosana Linhares Assis Figueiredo, afirma que a Covid-19 é o mal do século e que a única forma de amenizar a gravidade da doença, por enquanto, é manter o distanciamento social. Leia a seguir!

Em algum momento da vida imaginou passar por algo parecido com esta pandemia?

Tenho mais de 30 anos de gestão em saúde. Passei por problemas graves, como febre amarela e H1N1. Foram anos muito difíceis, mas o coronavírus é o mal do século. A alta transmissão desse vírus, a dificuldade de governabilidade e de conter o contato são dificultadores. É uma questão de saúde pública gravíssima. Tanto é que está desafiando dos países mais bem falados na governança em saúde pública aos países mais emergentes como o nosso.

Como tem sido estar na linha de frente de combate à pandemia?

A minha rotina pessoal está sendo muito difícil. A Saúde é uma secretaria em que fala-se muito, mas só quem vive nela conhece a realidade. É um setor muito exigido, que tem profissionais sérios e responsáveis. Mas também lidamos com as dificuldades do processo de trabalho. Na Saúde, os seres humanos são pérolas porque não são substituíveis. E, com isso, a gestão dos recursos humanos, que já é difícil em qualquer setor, se torna um complicador a mais. Eu já tinha um ritmo acelerado, é algo pessoal. Mas, também, porque pegamos a secretaria com grandes dificuldades no início da gestão. Se não tivéssemos saneado os problemas que encontramos em 2017, os hospitais não aguentariam essa crise. Minha rotina diária que era de mais de oito

horas, hoje está em torno de 14 a 15 horas. Posso dizer que meu grupo de trabalho da Secretaria de Saúde só teve folga na Sexta-feira da Páscoa. Não tivemos um final de semana livre desde o início de março. Todos os dias se tornaram dias úteis.

Imagino que a pressão deva ser grande...

É muito difícil, é pressão de todas as formas. Tenho que retrabalhar, repensar e replanejar. E isso acontece ao longo dos dias quando surge um caso novo positivo, uma necessidade de equipe ou um fornecedor diz que não vai entregar o que estou importando. Aí, é outra lógica, outra técnica, outra tentativa. O retrabalho exige muito. E na Saúde o estresse é físico, mental e psicológico. Não é verdade que nós não sentimos a cada caso. Tem pessoas que eram pacientes nossos, que a gente acompanha há algum tempo. Não tem como não sentir. Eu tento estimular minha equipe. E quando todos estão cansados digo: “vamos dar um jeito de descansar”. Vamos achar pequenas ilhas de descanso porque o pior cenário nem começou. Temos exigência sobre nós, individualmente, eu sobre a equipe, a equipe sobre ela mesma, e a população sobre nós no sentido que “errar é pecado”. E nós não somos insensíveis. Quando sento com equipe para conversar, dá vontade de chorar. Quando se fecham as portas, tocam os telefones. Quando todo mundo vai para casa descansar, muitas vezes é o horário que vou chamar a equipe de elite. A gente trabalha 14h, 15h, e não consegue tirar isso do pensamento. Porque está valendo vidas. Então, dentro da pandemia, trabalhamos assim em um ritmo de estresse. Tenho que dar colo para minha equipe que está cansada.

“Quando sento com a equipe para conversar, dá vontade de chorar”

Há uma projeção de casos para os próximos meses em Itabira?

A gente pode fazer projeção, mas não tem um parâmetro correto. A gente tinha uma projeção inicial para até 10 de abril. Nosso parâmetro vai mudando justamente porque a gente iniciou cedo o isolamento. A projeção do pico da Covid-19 tem interferência também com a chegada do inverno. Então, a gente segue a projeção do Estado, que prevê o pico da doença em Minas Gerais entre 3 e 5 de maio. O parâmetro mais próximo, que é um dos melhores, para ter ideia da gra-



Secretária de Saúde de Itabira, Rosana Linhares, prevê até 9 mil casos de Covid-19 na cidade

vidade, é que em torno de 7% da população total de Itabira vá adoecer. O que corresponde a 8 mil, 9 mil pessoas. Destas, um volume vai para internação e um segundo grupo vai para as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). Então, temos um grupo dentro do outro.

Todo esse cenário, no entanto, parece não assustar boa parcela da população. O que a senhora tem a dizer?

Eu conclamo a população para que a gente cumpra o isolamento domiciliar. O direito à democracia, de não ter um governo forçando uma postura, não significa que não deva cumprir o que é recomendado. Essa é uma responsabilidade pessoal para não ter o agravo e não levar à morte. E também coletiva, para não disseminar e propagar o vírus nessa pandemia. Estamos ainda no ensaio das escolas de samba, porque o desfile de carnaval ainda nem começou. Se estamos indo para as filas do banco, vamos pagar essa conta. Estamos indo para o comércio toda hora sem necessidade e essa conta virá. E nessa conta, infelizmente, os profissionais de saúde estarão envolvidos.

Cidades que não comprometam metade de sua capacidade de atendimento puderam afrouxar as medidas de isolamento. Na região, municípios menores, que dependem da Saúde de Itabira, estão adotando esse novo modelo. Qual a opinião da senhora?

Quando acontece, eu costumo fazer contato e sinto se o colega secretário teve um interesse de que aquilo não acontecesse. Existe uma pressão enorme para a reabertura do comércio em toda a região, assim como em Itabira. É difícil demais tratar todas as demandas,

a Covid-19 vem passando por cima como um trator. São questões sociais, financeiras, mas de todas, não tem nada que seja mais prioritário que a manutenção da saúde, da vida, a diminuição do agravo da doença. Tem muitas teorias que citam que quem para a economia mais cedo, depois consegue se reestruturar mais rápido e com uma característica econômica melhor. Se não houver o distanciamento social, tudo que eu gastar com saúde não vai ser suficiente. Vamos ver mortes, vamos ver sofrimento, o desgaste dos profissionais estafados. Será que o que vemos na TV não vai acontecer em Itabira? É só da telinha para lá? Acabou de ter uma morte em Itabira. Será que ninguém achava que tinha o vírus aqui?

Qual o percentual de comprometimento do sistema de saúde de Itabira?

Itabira tem uma estrutura de trabalho muito boa e é com ela que estamos enfrentando a pandemia. Não é qualquer município que tem isso. Mas temos que prever problemas em um cenário que não tem parâmetros. Em todo o mês de março, tivemos oito casos suspeitos que demandaram UTI. Nenhum se confirmou como Covid-19. Todas as nossas Unidades Básicas de Saúde (UBS) estão abertas para atender pacientes com sintomas gripais. Os casos que se confirmaram de coronavírus foram na rede ambulatorial. Então, por enquanto, tenho capacidade ociosa de atendimento na nossa rede. E temos que permanecer assim. Porque de um dia para o outro pode mudar. Tenho que me preparar para a guerra. A primeira batalha foi passar pelos primeiros parâmetros. A segunda batalha é fazer com que a população mantenha o distanciamento social.

Doenças respiratórias, ar poluído e o coronavírus: combinação perigosa

Médica explica que esta época do ano é considerada crítica para pacientes com doenças respiratórias crônicas, ainda mais em cidades mineradoras; com a chegada da Covid-19, a preocupação com esse grupo de risco é ainda maior

As Doenças Respiratórias Crônicas (DRC) representam um dos maiores problemas de saúde mundial. Centenas de milhões de pessoas de todas as idades sofrem com alergias respiratórias, como rinite, sinusite, asma e bronquite. Mais de 500 milhões delas vivem em países em desenvolvimento. Em cidades mineradoras, como é o caso de Itabira, Barão de Cocais, Conceição do Mato Dentro, São Gonçalo do Rio Abaixo e outras na região, esse cenário pode ser ainda mais complexo, diante da poluição do ar provocada pela poeira originada na atividade.

As DRCs estão aumentando e afetam a qualidade de vida dos pacientes. De acordo com o estudo ISAAC (sigla de International Study of Asthma and Allergies in Childhood), realizado no Brasil, a prevalência média de sintomas relacionados à rinite alérgica é de 29,6%

entre adolescentes e 25,7% entre escolares. Além disso, o país ocupa a 8ª posição mundial em prevalência de asma. No fim da última década, o país foi responsável por cerca de 273 mil internações e 2,5 mil óbitos causados pela doença, segundo o DataSus.

De acordo com a otorrinolaringologista Janaína Couto Vieira Lage, esta época do ano é considerada como crítica para pacientes com doenças respiratórias. Com o frio e a umidade, característicos do outono e do inverno, há maiores possibilidades para o surgimento de sintomas

Foto: Divulgação



Médica Janaína Couto faz alerta a portadores de doenças respiratórias quanto ao coronavírus

Foto: Rodrigo Andrade/DeFato



Poeira na área da Vale, em Itabira: município tem muitos casos de doenças respiratórias

respiratórios, como tosse, falta de ar, catarro, chiado no peito e coriza. A situação piora em territórios com grande emissão de materiais particulados na atmosfera, como é o caso dos municípios mineradores. Não é raro ver nuvens de poeiras nessas cidades, por mais que as empresas adotem medidas mitigadoras.

Combinação perigosa

Nos municípios onde existem grandes jazidas de minério de ferro, com lavras mecanizadas a céu aberto, é volumosa a emissão de material particulado para a atmosfera através de escavação, explosão, movimentação de escavadeiras, tratores e caminhões, perdas nos transportes terrestre e ferroviário, fugas nas plantas de beneficiamento e pela ação dos ventos nos depósitos a céu aberto.

Com a chegada da pandemia do novo coronavírus, a preocupação aumenta entre as cidades onde há grande quantidade de pacientes com doenças respiratórias. Esses fazem parte do grupo de maior risco para complicações potencialmente fatais diante da contaminação por Covid-19 por já possuírem os pulmões e todo o sistema respiratório fragilizado.

Pesquisas sobre surtos anteriores sugerem que o ar poluído torna os vírus mais perigosos e faz com que eles se espalhem mais. Um estudo realizado com as vítimas do Sars-Cov-1, o coronavírus que causou um surto em 2003, revelou que os pacientes tinham duas vezes mais riscos de morrer em regiões onde os níveis de poluição

do ar eram mais altos. Mesmo em regiões com poluição moderada, o risco ainda era 84% maior. Se existir uma dinâmica semelhante para a covid-19, isso poderá aumentar a pressão em UTIs de hospitais de cidades com o ar mais comprometido.

“É difícil dizer qual é a predileção do vírus, o risco de complicação é para aqueles que já possuem o pulmão fragilizado. Itabira tem uma prevalência maior de pessoas com doenças respiratórias, por exemplo, considerando as condições climáticas e as características mineradoras da cidade, segundo a minha experiência de atendimento e consultório”, disse a médica.

Segundo Janaína, o novo coronavírus tem alto índice de contágio e está sendo transmitido no mesmo período em que doenças respiratórias estão em alta. Por apresentar sintomas semelhantes, um dos maiores desafios diante da pandemia é o diagnóstico. “É um momento de dúvida. O critério de definição é: tem sintomas de resfriado, trata-se como caso suspeito de coronavírus”, esclarece a médica.

Recomendações

A médica aponta algumas recomendações que devem ser tomadas pelos pacientes. Um dos principais cuidados é com a automedicação. Para Janaína, mesmo que o paciente tenha alguma medicação habitual, é necessário que ele consulte um médico, já que a automedicação pode expor o paciente de forma desnecessária.

A médica ainda explica que o uso de nebulizadores e umidificadores de ar, usualmente presentes no cotidiano dos pacientes com doenças respiratórias, podem continuar sendo usados. No entanto, a orientação é para que o uso seja individual. A higienização do aparelho deve ser feita com água e sabão ou álcool 70%.

FIQUE
EM CASA

CONTINUE
PROTEGENDO
QUEM VOCÊ AMA.

Por favor, pense em sua família. O Coronavírus é perigoso e muito fácil de ser transmitido.

#FIQUE
em CASA

SÃO GONÇALO
DO RIO ABAIXO
cada dia melhor

Perigo pelo ar: problemas crônicos respiratórios preocupam quanto à Covid-19 em Itabira

Convivendo com a mineração há mais de 70 anos, cidade tem a poluição atmosférica como uma das grandes inimigas na luta contra o coronavírus

Crédito: Esdras Vinícius

Os pacientes crônicos respiratórios têm, este ano, um problema a mais para se preocupar.

A pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, pode provocar complicações potencialmente fatais a essespúblico. A poluição do ar, que causa mais de sete milhões de mortes por ano e é um fato notável em cidades mineradoras, como Itabira, pode piorar as doenças crônicas que deixam os pacientes fracos diante de uma infecção por Sars-Cov-2.

Em Itabira, é alto o número de crianças, adolescentes e adultos com doenças respiratórias. O problema se agrava, principalmente, pela poluição do ar provocada pela atividade minerária. A Vale opera na cidade desde 1942, com minas praticamente dentro da cidade, que provocam grande emissão de material particulado para a atmosfera através das mais variadas atividades, da detonação ao carregamento do material extraído.

Com a chegada do novo coronavírus, capaz de levar à insuficiência respiratória, até mesmo o Ministério Público de Itabira demonstrou preocupação com a qualidade do ar. A promotoria emitiu, recentemente, uma recomendação à Vale para que os sistemas de medição da mineradora deixem de ignorar as partículas respiráveis (PM 2,5), um tipo de material mais danoso à saúde e passe a constá-la em seus relatórios, que

atualmente só informam sobre as partículas de maior diâmetro, como o MP10 e as Partículas Totais em Suspensão (PTS).

Estudo publicados no início dos anos 2000, por cientistas de universidades brasileiras, com base em atendimentos no Pronto-Socorro de Itabira, apontam que pelo menos 5% dos casos de doenças respiratórias em crianças com até 13 anos estão relacionadas com a poluição do ar por material particulado. Entre adolescentes, o índice chega a 10%, o que demonstra um agravamento de quadro com o passar dos anos.

Problema crônico

Há 19 anos, o Respirai - Reorganização do Serviço Público de Itabira e Referência na Asma na Infância - monitora crianças e adolescentes, de 6 meses a 19 anos, com a doença. O projeto é desenvolvido pelos pediatras Wenderson Andrade e Jaques Varela. Em 19 anos, 4.636 pacientes passaram pelo Respirai. Desde 2014, o projeto atende também a população dos municípios que integram o Cismepi.

O objetivo do programa é fazer o controle das crianças que têm asma como doença principal. No entanto, a maioria dessas crianças também têm doenças alérgicas, como rinite, por exemplo. “É um trabalho constante de verificação de como o paciente está entendendo o manejo do espaçador, como está sua via in-



As minas e a cidade: proximidade com a atividade mineradora é prejudicial ao ar de Itabira

entendimento do ambiente”, explicou o mestre e doutor em Pediatria pela UFMG, e coordenador do Respirai, Wenderson Andrade.

As inversões térmicas, ou seja, mudanças bruscas de temperatura também interferem na saúde dos pacientes crônicos respiratórios. “É normal que nessa época do ano as pessoas fiquem mais suscetíveis a ter resfriados, gripes. O vírus é um fator desencadeador da crise asmática. Se a criança não tem a doença controlada, ela tem uma crise importante e acaba no Pronto-Socorro”, ponderou o pediatra.

Ele expõe que dois anos após o início do trabalho desenvolvido pelo Respirai, foi perceptível a queda nas consultas de urgência por crise de asma, bem como as internações por pneumonia. Esse resultado motivou Wenderson Andrade a realizar um estudo em cima desses dados para sua dissertação de mestrado. “Conseguimos provar que o programa tinha efetividade”, destacou.

A pandemia provocada pelo Covid-19 preocupa o pediatra e pais das crianças atendidas pelo Respirai. “O pulmão do asmático já é inflamado. A asma é uma doença inflamatória. Então, o pulmão fica sempre na defensiva. E qualquer vírus que chega, para ele é um desastre”, explicou o coor-

O atual surto de doença viral causada pelo Sars-Cov-2 tem gerado preocupação e dúvidas nos portadores de asma, especialmente em relação à continuidade ou não do tratamento. “Os pacientes não podem deixar de usar a terapia inalatória que eles usam. É uma dose baixa, que chega a ser até 10 vezes menor que a dose oral, mas que consegue controlar a doença pelo fato do remédio ser inalado. Os pacientes também não devem, de jeito nenhum, diminuir a dose por conta própria. Não é o momento de mexer no tratamento”, destacou.

Larissa Bárbara da Penha, 23 anos, é asmática e há cerca de 10 anos faz o acompanhamento no Respirai. “Minha vida mudou bastante com o tratamento adequado e monitoramento. Agora minha asma está controlada, mas, antes, era muito difícil, tinha crises e ia parar no Pronto-Socorro”, contou.

Reestruturação da rede de saúde

Itabira está otimizando todo o sistema de saúde para demanda de casos de Covid-19. Várias ações estão em andamento. Diversos EPIs foram adquiridos e 10 mil testes rápidos comprados pela Prefeitura.

Em um cenário emergencial de saúde pública, o peso de ser um polo regional pesa sobre as costas de Itabira. O município possui hoje 40 leitos de UTI para aten-

Novos leitos estão sendo implantados e a previsão é de ter, ao todo, 148 leitos para os pacientes infectados pelo novo coronavírus ainda em abril. Sendo 106 leitos clínicos e 42 de UTI. O investimento, somente no Hospital Municipal Carlos Chagas, é de R\$ 400 mil.

Qualidade do ar

Após acordos ambientais entre o município e Vale, foi implantada em Itabira uma Rede Automática de Monitoramento da Qualidade do Ar. O nível de poluição do ar é medido por quatro estações de monitoramento que funcionam em pontos estratégicos da área urbana e são operadas por uma estação terceirizada da própria mineradora.

Os dados coletados pelas estações a cada hora são recebidos simultaneamente pela Vale, Secretaria de Meio Ambiente, Conselho Municipal (Codema) e Fundação Estadual de Meio Ambiente (Feam).

“Além das estações, a Vale realiza, rotineiramente, em suas operações, atividades de controle de poeira, como aspersão de água nas frentes de lavra ativas, nas vias das minas e nas pilhas de homogeneização e de produtos. Como parte dessas ações, há controle de velocidade nas estradas de acesso às minas e revegetação de taludes e áreas expostas para minimizar a produção de poeira”, informou a mineradora.



Larissa Penha (paciente asmática) e o médico pediatra e coordenador do projeto Respirai, Wenderson Andrade

Crédito: Thamires Lopes/DeFato

Com siderúrgica no coração da cidade, cocaenses temem por agravamento de doenças respiratórias

Prefeitura não tem sistemas para medir qualidade do ar no município, mesmo com uma usina no centro da cidade

Foto: Revista Quadrilátero

Instalada no centro de Barão de Cocais desde 1988, a Gerdau é apontada pelos cocaenses como uma das principais causas do grande número de doenças respiratórias na cidade, que não tem um controle da qualidade do ar. A preocupação dos moradores tem se tornado ainda maior durante a pandemia do coronavírus, uma vez que pessoas com o sistema respiratório comprometido são consideradas grupos de risco no cenário de infecção pela Covid-19.

Mesmo com uma atividade tão impactante para a atmosfera como é a siderurgia, bem no coração da cidade, de acordo com o Secretário de Meio Ambiente, Rafael Pereira, Barão de Cocais não realiza a medição de qualidade do ar. “A medição de qualidade do ar é um procedimento extremamente complexo. Não conheço uma prefeitura que realize. São ‘N’ parâmetros que

precisam ser avaliados”, argumenta.

Moradora da área central da cidade e vizinha à Gerdau, Maria Aparecida Silva, de 42 anos, sofre constantemente com problemas respiratórios. A auxiliar administrativa conta que desde criança enfrenta a asma e, depois de uma pneumonia, há cinco anos, precisou recorrer à fisioterapia respiratória durante um tempo.

“Eu não sei o que é respirar bem. Desde menina lido com os problemas respiratórios: rinite, sinusite, mas, principalmente, a asma. Aqui na cidade é difícil encontrar alguém que não tenha [problemas respiratórios]. E o medo vem. Com esse coronavírus aí, o que ouvimos falar sobre sintomas é a falta de ar. E quem naturalmente já tem esse problema? Dá muito medo mesmo”, relata a cocaense.

Maria Aparecida ressalta que



Usina da Gerdau pode ser vista de vários pontos da cidade de Barão de Cocais

apesar do avanço tecnológico em relação às máquinas para produção do aço da cidade, ainda é possível notar os impactos que a siderurgia causa na população. “Antigamente, a Gerdau soltava nuvens de fumaça constantemente de suas chaminés, vezes preta, vezes marrom. Minha mãe passava o dia todo limpando a fuligem da varanda. Hoje, a poluição visível parece ser menor, mas os tempos mudaram, são outras tecnologias. Mas percebemos por nossas ruas. Elas têm o aspecto sujo. Parece uma cidade sempre suja, independente da limpeza pública”, diz.

O medo também impera entre os mais novos. O adolescente Paulo Carmo, 14 anos, faz uso constante de medicamentos para asma. O temor de algo mais grave é relatado pela mãe do rapaz, Irene Carmo, que frequenta o hospital da cidade desde os primeiros anos de vida do jovem por conta das crises de falta de ar.

“O Paulo desde muito novinho tem essas crises de asma. Faz uso constante de bombinha para melhorar a respiração quando a crise ataca. Esse período de inverno normalmente já é tumultuado por conta do tempo seco e frio. Agora ainda tem o coronavírus. Aqui na cidade ainda não há casos confirmados, mas estamos tomando todo o cuidado possível”, diz.

Combate ao coronavírus

Barão de Cocais registrava um caso confirmado de coronavírus até o fechamento desta edição. Para conter o vírus na cidade, a administração pública mapeou uma série de medidas junto ao Co-

mitê Covid-19. Dentre as principais estão a abertura de 10 novos leitos exclusivos para internações ocasionadas pela enfermidade e fechamento do comércio não essencial. O município está utilizando o antigo Pronto Atendimento do Hospital, atualmente desativado, para abrigar os leitos exclusivos para casos de coronavírus. Serão contratados novos profissionais para 90 dias, entre médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem.

O que diz a Gerdau?

Procurada pelo **Jornal DeFato**, a Assessoria de Comunicação da Gerdau em Barão de Cocais afirmou, em nota, que a empresa está atenta às demandas das cidades onde atua e tem realizado ações para auxílio do poder público no combate à pandemia do coronavírus, como doações de equipamentos de proteção individual (EPIs) a profissionais de saúde, desinfecção de locais públicos e na manutenção de aparelhos de ar condicionado dos espaços de armazenamento de remédios e vacinas.

Sobre a reclamação dos moradores quanto à qualidade do ar, a Gerdau afirmou que possui certificado de conformidade por atender aos requisitos da Associação Brasileira de Normas Técnicas relacionados às questões ambientais. O documento da ABNT exige que as empresas considerem todas as circunstâncias relativas às suas operações, como a poluição do ar, água e esgoto, gestão de resíduos, contaminação do solo, mitigação e adaptação às alterações climáticas e a utilização e eficiência dos recursos.

Casas com o melhor custo benefício por M²

IMG
EMPREENHIMENTOS IMOBILIÁRIOS
(31) 3831-5164 | (31) 98468-3828

Em Monlevade, preocupação com qualidade do ar se volta para usina da ArcelorMittal

Localizada dentro do município, siderúrgica é responsável pelo controle dos gases que ela própria emite

Foto: Cíntia Araújo/DeFato

Devido à pandemia do coronavírus, algumas grandes empresas optam pela redução do quadro de funcionários, outras em colocar funcionários em férias coletivas, sob justificativa de impacto econômico. Contudo, a unidade da ArcelorMittal em João Monlevade mantém as atividades. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade (Sindmon Metal), a justificativa apresentada pela empresa é que devido ao tempo de vida útil do alto forno, que é muito antigo, a paralisação resultaria em um custo muito alto, tornando-se inviável essa medida.

A relação da usina com a cidade é um ponto intrigante nessa pandemia de coronavírus. A ArcelorMittal fez aporte de R\$ 4 milhões para o único hospital do município, o Hospital Margarida, mas, ao mesmo tempo, é cobrada por conta da poluição atmosférica que faz mal aos pulmões dos monlevadenses. Pessoas com dificuldades nos sistemas respiratórios constituem grupo de risco para a Covid-19.

Como acontece em cidades vizinhas onde há presença de atividade mineradora, em João Monlevade,

com a siderurgia, é também a própria empresa que atira gases na atmosfera a responsável por medir a qualidade do ar. A ArcelorMittal faz o monitoramento tanto dentro quanto fora de suas instalações, que fica dentro do município, próximo à região central e a bairros muito tradicionais, onde há grande número de pessoas idosas.

Segundo a multinacional, a ação é feita por meio de medidores e câmeras que acompanham as emissões atmosféricas em todos os seus processos. A diretoria da usina alega que os resultados estão mantidos dentro dos parâmetros definidos pela legislação ambiental brasileira e são informados aos órgãos ambientais regularmente, conforme preconizado pelas licenças de operação atreladas à Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Semad).

O fato é confirmado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Segundo a responsável pela pasta, Fernanda Ávila Torres, o monitoramento da qualidade do ar é realizado por meio das fiscalizações em todos os empreendimentos passíveis de gerar efluentes atmosféricos e através de atendimento às denúncias.



Usina da ArcelorMittal 'Monlevade está instalada dentro do município

ricos e através de atendimento às denúncias. No que se refere à ArcelorMittal Monlevade, os locais são monitorados pela própria empresa. O relatório gerado a partir destes dados é encaminhado à Superintendência Regional de Meio Ambiente do Leste Mineiro.

Pandemia em Monlevade

Até o fechamento desta edição, João Monlevade registrava três casos confirmado de coronavírus e cerca de 300 suspeitos. No Hospital Margarida, leitos foram isolados

e reservados para pacientes com sintomas da doença. A Prefeitura também decretou o fechamento do comércio para atividades não essenciais e investiu na aquisição de testes rápidos.

Sobre a ArcelorMittal, o Sindicato dos Metalúrgicos afirmou que está monitorando de perto as ações adotadas pela empresa para manter a produção a todo vapor. Houve mudanças no sistema de férias e a empresa anunciou que, se necessário, implantará o sistema de banco de horas.

São Gonçalo prepara diagnóstico sobre relação entre mineração e problemas respiratórios

Prefeitura registra inúmeras reclamações de moradores sobre “poeira da mina”

Foto: Acom/PM5GRA



São Gonçalo do Rio Abaixo busca se apoiar em números para relacionar mineração a problemas respiratórios

A mina Brucutu é a maior a céu aberto da Vale em Minas Gerais, e sua cava, bem como a estrutura de beneficiamento de minério, estão localizados a poucos quilômetros do centro de São Gonçalo do Rio Abaixo. O município tem pouco mais de 11 mil habitantes e tem na mineração sua principal fonte de renda. O que ajuda economicamente, no

entanto, pode estar prejudicando a saúde da população, e a Prefeitura está atenta a isso. Tanto que o Executivo prepara um estudo correlacionando as enfermidades respiratórias antes e depois da mineração.

A preocupação com as doenças respiratórias e o impacto da poluição atmosférica aumenta com a pandemia do novo coronavírus.

Até o fechamento desta edição, São Gonçalo do Rio Abaixo ainda não havia registrado casos confirmados da Covid-19, mas a ameaça levou o município a tomar medidas impactantes, como fechamento do comércio e instalação de barreiras sanitárias nas entradas da cidade. Ao mesmo tempo, olhares são voltados para os impactos da mineração na saúde pública.

Segundo a Prefeitura, os índices de monitoramento da qualidade do ar são apresentados periodicamente pela Vale ao Executivo. Os dados coletados pela empresa demonstram que os índices atendem aos parâmetros estabelecidos pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama). Essa, inclusive, é uma das condicionantes para que a Vale mantenha a licença de operação da mina de Brucutu.

Apesar do atendimento à legislação ambiental, a Prefeitura afirma que os moradores reclamam da poeira oriunda da mina de Brucutu. Mesmo que ainda não tenha

números para se balizar, a Secretaria Municipal de Saúde destaca ser provável que o índice de doenças respiratórias possa ter aumentado devido às partículas poluidoras expelidas pela atividade mineradora. Por isso, prepara um estudo sobre a questão.

Medição

Especificamente sobre como é feito o monitoramento da qualidade do ar em São Gonçalo do Rio Abaixo, a Secretaria de Meio Ambiente esclarece que a Vale o faz em dois pontos: um no adro da Igreja Matriz e outro na Estação Ambiental de Peti. Assim, são analisadas as concentrações de partículas totais em suspensão e a média geométrica. Os dados são entregues em relatório ambiental mensal ao Executivo e, segundo a Prefeitura, atende aos padrões legais. Ainda assim, acendeu-se o alerta para preservar a saúde dos moradores da cidade frente à mineração.

Conceição adota medidas de prevenção ao Covid-19 e volta os olhos para o controle da qualidade do ar

Município ainda vive os primeiros anos da mineração, mas já demonstra preocupação com os impactos provocados pela atividade, ainda mais em tempo de pandemia

Foto: Rodrigo Andrade/DeFato

Desde o início da pandemia de coronavírus, a Prefeitura de Conceição do Mato Dentro tem tomado medidas de prevenção à doença. Além da contratação de uma médica infectologista, responsável técnica pela saúde do município, seis decretos municipais foram criados pelo Executivo.

Todas as normativas definiram o adiamento de eventos, suspensão das aulas na rede municipal de ensino, implantação do sistema de home office em secretarias que não desenvolvem atividades essenciais, além de restringir às atividades econômicas e circulação de pessoas. Um Plano Municipal de Contingência para enfrentamento do novo coronavírus também foi criado. A estratégia tem com o objetivo organizar as ações de prevenção e controle, além de analisar cenários epidemiológicos futuros, mesmo ainda não tendo confirmado nenhum caso de Covid-19 na cidade.

Para a enfermeira Marília Paiva, de 54 anos, moradora em Conceição do Mato Dentro, a preocupação é redobrada dentro de casa. Segundo ela, um protocolo foi implementado para que não haja a contaminação no ambiente familiar: sapatos são retirados na porta, saídas só em caso de emergência e a constante higienização das mãos é obrigatório.

Todo o cuidado tomado por Marília está ligado à filha de 10 anos que tem rinite e, por



Conceição do Mato Dentro vive primeiros passos da mineração

isso, faz parte do grupo de risco de contágio do coronavírus. “Essa é a época do ano que ela vai ter as tosse e febre. Eu a acompanho com a medicação. O que tem me preocupado é esse aumento dos casos suspeitos aqui em Conceição”, diz Marília.

Um dos principais fatores que colocam a filha de Marília no grupo de risco do contágio da doença é que, ao ter rinite, os riscos de complicações caso ela seja infectada pelo novo coronavírus é grande, por ter um sistema imunológico enfraquecido

Doenças respiratórias e qualidade do ar

As Doenças Respiratórias Crônicas (DRC) como rinite, sinusite, asma e bronquite muitas das vezes estão relacionadas a duas condições favoráveis: o clima e a poluição atmosférica. A grande quantidade de aerossóis no ar pode contribuir para o enfraquecimento e sobrecarga do pulmão.

A exemplo de outros municípios mineradores, como São Gonçalo do Rio Abaixo e Itabira, uma preocupação da Prefeitura de Conceição é com a qualidade do ar, já que partículas poluidoras são produzi-

das durante o processo de mineração. Apesar de Conceição ter um curto relacionamento com a prática mineradora, o controle da emissão da poeira é feita constantemente pela Anglo American, responsável pela mina que há no município. Apesar de estar localizada na Rodovia MG-10, a uma distância considerável do centro urbano, a empresa adotou mecanismos de contenção de poeira da mina para evitar que os poluentes se espalham nas comunidades. Os índices, segundo a mineradora, também são acompanhados e balizam adequações da operação conforme os resultados.

“Este índice de particulado começa a subir, o monitoramento detecta e toma-se medidas na operação pra baixar. Isso é um procedimento feito constantemente”, informa a empresa.

Durante a crise do coronavírus, a Anglo American adotou sistemas que estimulem menor circulação de pessoas na mina em Conceição do Mato Dentro. A empresa também anunciou a doação de respiradores para a rede hospitalar do município, além de equipamentos de proteção individual, como máscaras e luvas.

Este vírus não para a nossa luta!



- ✓ Proteção do contágio nos trabalhadores
- ✓ Negociações com todas as empresas
- ✓ Manutenção dos empregos
- ✓ Direitos garantidos

20.000 trabalhadores representados em **30** cidades



Enfrentamento ao Covid-19

“A solidão deles é marcante”

Médica que está na linha de frente de combate ao coronavírus fala da relação com pacientes e com a doença

Foto: Arquivo Pessoal

Uma rotina desgastante, em que o único foco é salvar vidas. O Jornal DeFato traz nesta edição a visão de uma médica que convive diariamente com pacientes com coronavírus. Maria Eugênia Tótola reside em João Monlevade e é médica plantonista em dois hospitais: o Hospital Margarida, em Monlevade e o Hospital Biocor, em Belo Horizonte. Os relatos mostram o ser humano por trás da máscara. Confira alguns trechos relatados pela médica, em sua rotina de salvar vidas, conscientizar a população e, ainda, dedicar-se à família.

Preocupação 24 horas

“Já trabalhei com pacientes infecto-contagiosos antes, como vítimas de H1N1. A grande diferença para mim, no caso do coronavírus é o risco de nos contaminarmos e, mesmo assintomáticos, transmitir o vírus para outras pessoas,

levar a doença para dentro de casa. Com isso, não consigo me desligar por completo, nenhum médico consegue. Ficamos, na verdade, vigiando nossos sintomas. A mídia ajuda a nos mantermos ligados o tempo todo”.

Solidão

“A solidão dos pacientes com coronavírus é marcante. Vendo-se de frente para a morte, o que mais querem é ter quem amam ao lado. Já vi um paciente implorando para ver a família ‘pela última vez’. Isso é impossível, temos que nos manter irredutíveis, e isso dói.

Atendi a primeira paciente com coronavírus que veio a óbito em Minas Gerais. Foi a primeira morte registrada no estado devido ao Covid-19. O caso foi conduzido da melhor forma possível, porém não fomos capazes de deter a evolução para o óbito, mesmo com toda tecnologia e cuidados à

disposição. A doença pode ser muito, muito grave. Não por acaso, nos Estados Unidos, país reconhecido pela excelência da medicina que detém, estão morrendo duas mil pessoas por dia”.

Acreditar na doença e na ciência

“É frustrante sermos ignorados quando reforçamos a importância e necessidade do isolamento social. Porém, é absolutamente esperado. O povo brasileiro não tem vivência com situações limites: não enfrentamos guerras ou tragédias como furacões ou terremotos. Para mim, não é surpresa a dificuldade das pessoas de seguirem regras rígidas de comportamento. Precisamos aprender a pensar na coletividade: eu só fico bem se todos que me rodeiam estiverem bem também. O brasileiro se acha um povo inatingível, acha que seremos abençoados

e que conosco ‘será diferente’. Não é o que penso. Outros países já pensaram o mesmo e hoje choram seus mortos. O coronavírus se transformou em nossa questão política, né? Isso é muito, muito triste! A paixão política cega as pessoas. Precisamos acreditar na Ciência, a Ciência é imparcial”.

Tenhamos fé!

“A mensagem que passo enquanto médica que convive com pacientes que lutam pela vida é que todos sejam cuidadosos, mas nada de desespero! Mesmo que você faça parte do chamado grupo de risco, a doença tem cerca de 90% de chance de cura. Pense e mantenha seu foco nos casos recuperados. Reforce sua espiritua-



Médica Maria Eugênia Tótola atende pacientes em Monlevade e Belo Horizonte

lidade e acredite que, por mais difícil que seja uma situação, um momento, tudo na vida passa. Contaremos essa história para nossos netos e bisnetos. Tenhamos fé”.

A pandemia em relatos

Pessoas da região que moram no exterior falam da experiência com o coronavírus

Desde que a crise do coronavírus teve início, o portal DeFato Online tem colhido depoimentos de moradores da região que atualmente residem fora do país, para que passem a experiência vivenciadas no exterior. Confira, a seguir, algumas das frases principais:

Foto: Arquivo Pessoal



Multa pesada

“Aqui as pessoas ainda estão confinadas e quando precisam sair elas têm que manter a distância uma das outras. Caso contrário, são multados em cerca de 400 euros, que hoje é equivalente a mais de R\$ 2.2 mil”.

Dayane Couto, itabirana que mora na Holanda

Foto: Arquivo Pessoal



Exemplo de luta

“O governo, logo no início da pandemia, decidiu criar níveis para orientar a população sobre a situação. Sabíamos que se chegasse ao nível 4 iriam paralisar tudo. Isso foi importante para que tanto as pessoas quanto as empresas pudessem se organizar”.

Pablo Rocha, itabirano que mora na Nova Zelândia

Foto: Arquivo Pessoal



Inimigo invisível

“Não tem sido fácil, pois a rigidez europeia não tem nada a ver com o Brasil, que deixa a vida seguir ‘na boa’. Para sair tem que dar uma satisfação à polícia, explicar o motivo de estar fora de casa. Há drones a voar pela cidade com uma voz fria a dizer em português, inglês e espanhol: ‘fiquem em casa’. Não há ninguém nas ruas. O medo e a angústia andam juntos nos olhares das poucas pessoas que encontramos pelo supermercado. O nosso inimigo é invisível”.

Emerson Lopes, nova-erense que mora em Portugal

Foto: Arquivo Pessoal



Turnê interrompida

“Tinha uma série de compromissos marcados, entre workshops, shows e gravações. Era uma turnê que passaria pela Suíça, Itália, Espanha, Alemanha e Portugal. Mas foi tudo cancelado e fiquei aqui sem poder ir pra lugar algum”.

Juninho Ibituruna, músico radicado em Itabira que mora na Itália

Foto: Arquivo Pessoal



Quando vai acabar?

“Minha preocupação é não saber quando vai acabar essa pandemia, que nos acorrenta em casa, hospitais ou nos mata, sendo que Deus nos deu liberdade para caminhar, ir e vir por onde quiser”.

Marcos Amaro, itabirano que reside nos Estados Unidos

Foto: Arquivo Pessoal



Orações pelo Brasil

“Não é fácil o que estamos vivendo. Todos estão em casa, muita gente morreu. Fiquem em casa, se cuidem. Rezo para que não chegue ao Brasil da forma que foi aqui”.

Isabela Vieira, itabirana que reside na Itália



BOMBOU NA WEB

www.defatoonline.com.br

Ovos de páscoa para a garotada



Foto: Acom/PM5GRA

A Prefeitura de São Gonçalo do Rio Abaixo realizou distribuição de ovos de páscoa aos alunos da rede municipal de ensino. A distribuição dos chocolates foi feita de casa em casa, para evitar aglomeração e que pessoas saiam de suas residências devido à pandemia do novo coronavírus. De acordo com a secretária de Educação, Maria do Rosário Melges, os ovos de chocolate tinham sido comprados antes da pandemia. Já o prefeito Antônio Carlos Noronha Bicalho declarou que a entrega dos ovos é um alento para os estudantes. “Celebrar a Páscoa reforça nossa esperança de tempos melhores, não podemos privar nossos alunos de mais esse momento”, ressaltou o prefeito.

Solidariedade na Páscoa

A Celebração da Páscoa em Itabira foi lembrada de uma maneira diferente: sem a presença física dos fiéis devido ao risco de contaminação pelo coronavírus. Para aproximar mais os itabiranos da importante data da Igreja Católica, a Paróquia Nossa Senhora da Penha se uniu para realizar uma campanha para a doação de alimentos. Os donativos arrecadados foram encaminhados pela igreja às famílias em vulnerabilidade social da cidade. Diversos pontos de arrecadação foram criados no município para coletar as doações.

Pizza especial

Ex-morador de Itabira e formado pela Unifei como engenheiro de Mobilidade, o empresário Pierre Maia, de 27 anos, deu um belo gesto de empatia e solidariedade em meio à turbulência causada pela pandemia do coronavírus. O pizzaiolo, natural de Congonhas, em seu estabelecimento, localizado em Conselheiro Lafaiete, vende pizzas pela metade do preço para os profissionais da saúde em atividade. “Percebi que o movimento na pizzeria caiu bastante. Mas muitos do que ainda vinham aqui estavam de branco. Então imaginei que essas pessoas estavam saindo de planos. Busquei ajudar o pessoal que está na linha de frente no combate ao coronavírus”, explicou Pierre.



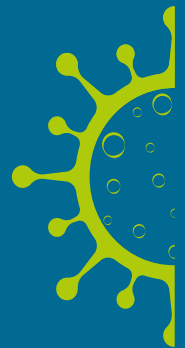
Foto: Divulgação

Oração contra a pandemia

Foto: Divulgação



Percebendo a apreensão e o medo em relação à pandemia do coronavírus em Itabira, a Igreja Presbiteriana criou uma campanha de oração para acalmar os corações dos itabiranos. Em alguns dias pela manhã, o pastor Renato Rocha se posiciona em frente ao templo e, respeitando a distância de segurança recomendada pelos órgãos de saúde, ora por todos aqueles que desejarem e permitirem as palavras de fé. “A ideia surgiu primeiramente por sentir que tem muita gente apreensiva, ansiosa e com medo neste momento tão conturbado. Vi algumas iniciativas de padres, por exemplo, montando um confessionário drive-thru. Aí me veio o pensamento de pedir às pessoas que passam perto da igreja para que eu pudesse orar por elas”, explicou o pastor.



CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO. NA LUTA CONTRA O CORONAVÍRUS.

AJUDE A PREFEITURA DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO A COMBATER A PANDEMIA.
FAÇA A SUA PARTE.

ACOMPANHE AS MEDIDAS DECRETADAS PELO MUNICÍPIO ACESSANDO:

CMD.MG.GOV.BR/DECRETOS-2

E para receber notícias diárias sobre as nossas ações de combate e enfrentamento à COVID-19, salve o whatsapp da Prefeitura Municipal na sua lista de contatos e mande uma mensagem informando seu nome e seu bairro. O número é

WHATSAPP
PREFEITURA:



(31) **98344-2252**



**Conceição
DO MATO DENTRO**

PREFEITURA MUNICIPAL • 2017-2020
JUNTOS POR UM NOVO TEMPO

VAMOS TODOS VENCER ESTE DESAFIO.

NOTÍCIAS DA MINERAÇÃO

Sem estabilidade garantida

A Vale perdeu a Declaração de Condição de Estabilidade (DCE) da barragem de Santana, em Itabira. O prazo para a renovação semestral do documento terminou no dia 31 do último mês, sem que a mineradora conseguisse obter a liberação exigida pela Agência Nacional de Mineração (ANM). Com isso, a estrutura segue em nível 1 de risco de rompimento, de acordo com escala do Plano de Ação de Emergência de Barragens de Mineração (PAEBM), assim como as barragens de Pontal e Itabiruçu, também da Vale.

Foto: Divulgação/Vale



Foto: Acom/Metabase



Belmont suspende contratos em Itabira

A mineradora itabirana Belmont comunicou ao Sindicato Metabase a suspensão de contratos de 50 trabalhadores durante a crise provocada pela pandemia do coronavírus. A empresa pretende usar os mecanismos criados pela Medida Provisória 936/20, que possibilita às empresas suspender contratos de colaboradores e reduzir as jornadas de trabalho como medidas que evitem as demissões. A companhia, que alega impactos profundos por causa da disseminação da doença em centros como Estados Unidos, Europa e China, também anunciou a redução da jornada de outros oito funcionários.

Um ano a mais de mineração

Relatório da Vale direcionado ao mercado internacional traz uma informação ligada diretamente ao futuro econômico de Itabira. Segundo consta no Form-20, protocolado pela empresa no início de abril, o prazo para a exaustão das minas operadas pela empresa na cidade ganhou um ano a mais. Se a previsão estipulada nos dois últimos formulários apontava para o fim das atividades em 2028, o deste ano, sustentado por dados de operação da mineradora em 2019, estima que o minério itabirano perdure até 2029.

Foto: Esdras Vinicius



Foto: Divulgação/Anglo American



Ajuda no enfrentamento

Visando prevenir e combater a disseminação do novo Coronavírus entre seus empregados, fornecedores e comunidades, a Anglo American investiu R\$ 5 milhões em equipamentos e materiais que serão doados às cidades de atuação da empresa. A mineradora vai disponibilizar equipamentos respiradores para os sistemas de saúde dos municípios da área de influência de suas operações de níquel (GO), minério de ferro (MG) e Porto do Açu (RJ). Também foram encomendadas camas hospitalares, luvas para procedimentos, máscaras cirúrgicas, termômetros infravermelhos, óculos de segurança de ampla visão, capotes impermeáveis e outros equipamentos.

FIQUE ATENTO AO DESCARTAR SEU LIXO DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

- » Coloque os resíduos em sacos de lixo resistentes e lacrados.
- » Preencha apenas 2/3 da capacidade do saco de lixo.
- » Luvas, máscaras, lenços e papeis higiênicos devem ser descartados em lixo comum, mas colocados em sacos separados e muito bem fechados.

Com essas medidas simples, você contribui com a limpeza da cidade e preza pela saúde dos nossos colaboradores.

#ItabiraContraoCoronavírus



PREFEITURA DE
ITABIRA
TRABALHO COM RESPONSABILIDADE

CENTRAL DE ORIENTAÇÕES PARA COVID-19

ANS - nº 335517



Cliente Unimed Itabira pode tirar dúvidas e ter orientações sobre a COVID-19 com **os nossos médicos cooperados** ligando para os números

(31) 98600-9280

Segunda a sexta-feira - 08 às 12 horas

(31) 98823-3497

Segunda a sexta-feira - 13 às 17 horas

Obs.: Tenha seu cartão Unimed em mãos.

**MUDAR UM HÁBITO PARA
COMBATER O CORONAVÍRUS
VAMOS JUNTOS**



somos
COOP



Qual é o papel do vereador?



Ele não pode fazer:

- › Distribuir presentes para os cidadãos.
- › Realizar qualquer tipo de obra.



Ele deve fazer:

- › Buscar soluções para o bem comum.
- › Conhecer os problemas

Para saber mais, acesse:



camaramunicipaldeitabira



www.itabira.cam.mg.gov.br

